

# NÍVEL RECORDE DO ÍNDICE DOW JONES DA BOLSA DE VALORES DOS EUA | POR RAINER RUPP

*Posted on 27. November 2020*

## Um sinal da resiliência da economia dos EUA ou do seu desaparecimento?

Um comentário de Rainer Rupp.

Na quarta-feira desta semana, o principal índice da bolsa dos EUA, o Dow Jones Industrial Average, bateu o recorde vertiginoso de 30.000 pontos. Poder-se-ia pensar que os máximos históricos nos mercados bolsistas têm algo a ver com economias em expansão, pleno emprego, bons rendimentos e consumo dinâmico, combinados com perspectivas excepcionalmente positivas de estabilidade política, económica e social. Numa vida passada, quando nem tudo estava de pernas para o ar, como é hoje, era esse o caso.

Não há muito tempo, a marca de 30.000 era considerada inalcançável para o índice líder dos EUA. Isto está a provocar o aparecimento das rolhas de champanhe com os malabaristas financeiros de Wall Street e os "one-percenters". Os super-ricos voltaram a ser super-ricos, embora a economia dos EUA esteja de novo numa tendência descendente, os elevados números do desemprego continuam a aumentar, o desemprego escondido pelos subsídios Corona é enorme e a praga da fome está a alastrar pelo país como uma epidemia dos mais pobres para a antiga classe média da população.

Em praticamente todos os estados dos EUA, filas intermináveis em frente de cozinhas de sopa e pontos de distribuição gratuita de alimentos fazem agora parte da vida quotidiana. A maioria delas é financiada por organizações não governamentais religiosas e seculares. Ao mesmo tempo, as perspectivas de melhoria económica estão longe de ser rosas, dadas as crescentes mas variadas medidas de encerramento em diferentes estados. Isto está a acontecer contra o pano de fundo das acções rebeldes e incendiárias de "Black Lives Matter" e "antifa", por um lado, e das aparências das milícias conservadoras fortemente armadas e parcialmente radicais de direita, por outro.

O resultado controverso das eleições presidenciais é um obstáculo adicional à paz interna nos EUA. A metade dos eleitores republicanos dos EUA acredita agora firmemente que a vitória de Joe Biden só foi possível graças a uma fraude eleitoral maciça. Este desenvolvimento também tem o potencial de radicalizar ainda mais a polarização de ambos os lados. Juntamente com o rápido aumento do fosso entre o pequeno

número dos muito ricos e o grande número dos muito pobres, os factores acima mencionados não auguram bem a estabilidade política e social nos EUA nos próximos anos, independentemente do presidente.

Mas como é que antes desta perspectiva sócio-económica sombria dos EUA o Dow Jones bateu o recorde de 30.000? Este desenvolvimento aparentemente paradoxal faz parte da lógica misantrópica do sistema financeiro que está fora de controlo, não só nos EUA mas em todos nós. Mesmo o antigo Presidente Federal Horst Köhler (CDU), que ocupou o mais alto cargo político na Alemanha desde 2004 até à sua demissão em 2010, tinha declarado num discurso público em plena crise bancária em 2008, como o antigo chefe do Fundo Monetário Internacional, "Os mercados financeiros tornaram-se um monstro (1)" e estes monstros tornaram-se "selvagens" (2). Exigiu a solidariedade dos políticos em vez do capitalismo em branco.

O Presidente Federal Horst Köhler sabia do que falava, porque de 2000 a 2004 tinha sido Director Executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Washington e tinha adquirido uma visão de primeira classe da unificação dos monstros transnacionais que sugam o elixir da vida das veias das sociedades humanas de todo o mundo.

A sua crítica aberta e devastadora aos mercados liberais sagrados, cuja fundação são os monstros do mercado financeiro neoliberal, foi entendida como totalmente absurda pelos poderosos do nosso país. Alguém como ele não pertencia a um alto cargo. Passo a passo Köhler foi desmantelado nos meios de comunicação, retratado como um tolo ingénuo, já não convidado a fazer discursos, foram espalhadas piadas sobre ele na alta sociedade, foi procurada sujidade na sua vida privada. A agitação só terminou quando Köhler já não a suportava e se demitiu prematuramente. A propósito, outro presidente alemão, o sucessor de Köhler, Christian Wulff (CDU), teve um destino semelhante.

No meio da crise financeira de 24 de Agosto de 2011, o Presidente Federal Christian Wulff criticou os pára-quedas regulares de resgate do euro de uma forma surpreendentemente dura durante um discurso em Lindau. Ele disse: "Quem tentar mitigar as consequências da explosão de bolhas especulativas com dinheiro e garantias sozinho" está a agir "segundo o lema: Depois de mim o dilúvio". No entanto, o Presidente Federal não revelou quaisquer planos concretos para impedir tais pára-quedas de resgate, recusando-se a

assinar o acordo - pelo menos não em público. No entanto, isto já não era aceitável para os governantes da oligarquia financeira, que opera sob o nome da República Federal da Alemanha.

A fim de dar o exemplo a todos os futuros presidentes e políticos alemães, Christian Wulff foi sistemática e publicamente humilhado de forma ainda mais brutal do que Köhler tinha feito antes; até o passado da sua esposa foi agradavelmente arrastado para a lama pelos "meios de comunicação de qualidade", autoproclamados e sujos. Isto só mudou quando Wulff anunciou a sua demissão a 17 de Fevereiro de 2012 e libertou o mais alto cargo no estado para o padre cumpridor Joachim Gauck. Um breve e conciso relato dos acontecimentos na altura pode ser encontrado na Heise/Telepolis através deste link.

A necessidade dos chamados pacotes de resgate solidário com somas gigantescas de dinheiro para os PIIGS altamente endividados da UE, nomeadamente Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, foi comunicada à população sem qualquer alternativa e constituiu uma fraude de etiqueta. Porque as amplas camadas da população destes países, que foram totalmente empobrecidas nos poucos anos desde o início da crise, não viram nada do dinheiro do resgate.

De facto, os pacotes de resgate foram concebidos unicamente para pagar as dívidas dos países PIIGS aos grandes bancos internacionais, que tinham apostado e concedido descuidadamente demasiados empréstimos (maus) aos PIIGS, que não os conseguiram pagar. Estes maus empréstimos deveriam agora ser pagos pelos países mais ricos da UE, utilizando todos os tipos de instrumentos financeiros. A parte alemã destas novas dívidas, pelas quais o contribuinte alemão terá de pagar em última análise, é ligeiramente inferior a 30 por cento.

Quando os pacotes de salvamento foram transferidos electronicamente, o dinheiro passou pelos bancos centrais dos países PIIGS por um segundo teórico, antes de ser transferido directamente para os principais bancos. Porque sem estes pacotes de salvamento, o sistema de jogo das instituições financeiras globais supostamente "relevantes para o sistema" teria tido problemas e possivelmente ido à falência. Tudo somado, o Estado alemão também assumiu enormes dívidas a fim de salvar o sistema bancário, cujos lucros são privatizados e cujas perdas são oneradas pela população; apenas para prosseguir uma rígida política de

austeridade nos anos que se seguiram, em que sobretudo as despesas em educação, infra-estruturas públicas e assistência social foram reduzidas, mas os rendimentos dos parlamentares foram aumentados. Assim, hoje temos um país que não só se assemelha cada vez mais a uma república das bananas em termos políticos, mas também uma sociedade com pontes dilapidadas, um sistema rodoviário dilapidado, um sistema ferroviário alemão disfuncional, escolas dilapidadas e um sistema de saúde que foi salvo num estado de coma.

Quando tudo isto poderia ter sido evitado, no início da crise bancária em 2008, o Presidente alemão Horst Köhler apelou à solidariedade em vez do capitalismo em branco e salientou que "os bancos deveriam consolidar-se de forma a podermos voltar a confiar neles". Por outras palavras, apelou aos bancos para pararem com as suas actividades de jogo altamente arriscadas mas muito lucrativas no casino financeiro global e para regressarem às funções experimentadas e testadas dos bancos, nomeadamente para apoiarem os sectores produtivos da economia real. As suas palavras de admoestação ficaram por ouvir.

Pelo contrário, em retrospectiva, pode dizer-se que desde o início do colapso da bolsa e da crise financeira de 2007/2009, não foram tomadas medidas para aliviar os profundos problemas estruturais do sistema financeiro ocidental. Em vez disso, as máquinas de impressão de dinheiro da Reserva Federal dos EUA e, em menor escala, do Banco Central Europeu têm funcionado cada vez mais depressa. Com resgates cada vez maiores e novos, o sistema financeiro está a ser salvo do colapso final a intervalos cada vez mais curtos com injeções de liquidez cada vez maiores por parte dos bancos centrais.

No último trimestre de 2019 - despercebido pelo público - a situação no sistema bancário dos EUA - e portanto também no resto do Ocidente - tinha-se agravado dramaticamente de novo e atingiu um pico no início de Março de 2020. No final de Dezembro de 2019, tinha surgido uma tendência muito fiável no sistema financeiro dos EUA: Não importa que acontecimentos políticos, económicos ou sociais negativos tenham ocorrido algures no mundo, tais como a nova crise EUA-Irão, que poderia facilmente ter conduzido à guerra, não importa o quê, os mercados financeiros dos EUA permaneceram inalterados. Os preços continuaram a subir, não importa como! Porquê?

A razão é que as operações de reporte de emergência nocturna do banco central dos EUA (Fed) se tinham tornado um apoio para a liquidez do sistema bancário. Mais recentemente, o instrumento destas operações de reporte de emergência tinha sido utilizado algumas vezes em 2008, no auge da crise bancária. Desta vez, porém, a medida excepcional já se tinha tornado a norma nocturna em Novembro, apenas algumas semanas após a sua reintrodução em meados de Outubro de 2019. As injeções de liquidez nocturna do Fed ascenderam apenas a 60 mil milhões de dólares, subindo para 180 mil milhões de dólares até ao final de Dezembro de 2020. Estavam tão certos como o nascer do sol pela manhã e os malabaristas financeiros podiam contar firmemente com eles nas suas operações.

Estas injeções diárias de liquidez pelo banco central dos EUA, o Fed, tinham como objectivo manter as taxas de juro overnight artificialmente baixas e satisfazer a crescente procura de liquidez por parte dos bancos (3). A crise de liquidez, inicialmente descrita como temporária, tinha-se "tornado obviamente permanente", escreveu o blogger financeiro Northmantrader em meados de Janeiro de 2020 (4). No entanto, no início de 2020, os preços em Wall Street começaram a cair. Sob a impressão da propagação do vírus corona, o colapso dos preços nos mercados financeiros acelerou, embora em algumas noites o Fed tenha injectado no sistema até 500 mil milhões de dólares.

E depois, contudo, vieram os primeiros pacotes de salvamento corona em dimensões que eclipsaram todos os salvamentos anteriores e encobriram mais uma vez a crise no sistema financeiro. A partir do início de Março, os preços das acções começaram a subir inexoravelmente, completamente desligados da realidade económica, social e política dos EUA, e estão actualmente a bater novos recordes. O quadro é semelhante na Alemanha.

Quanto mais tempo a economia financeira do valor Oeste funcionar em grande parte desligada da economia real, piores serão os problemas subjacentes e mais catastrófico será o colapso, que não pode ser evitado a longo prazo nem mesmo por triliões de dólares de dinheiro "fresco". A fim de evitar que os preços bolsistas voltem a cair, são necessárias quantidades cada vez maiores de dólares, euros, libras ou ienes, com os quais os bancos centrais mantêm as instituições financeiras líquidas. Por exemplo, na quarta-feira, 25 de Novembro, "Barron's" - um jornal que é uma leitura obrigatória em Wall Street - relatou que o nível recorde

Dow Jones de mais de 30.000 pontos só foi possível graças à liquidez global inchada para 14 triliões de dólares (triliões de dólares americanos).

Esta explosão na oferta de dinheiro está a beneficiar sobretudo os accionistas e o sector financeiro. Na segunda fila, este desenvolvimento ajuda, entre outros, as companhias de seguros mas também os fundos de pensões privados que investiram em acções ou nos mercados de bens de luxo e imobiliários. Isto é de grande importância para políticos governamentais de todos os quadrantes, porque mantém exactamente aquelas pessoas de bom humor que têm o verdadeiro poder no Estado e para quem os políticos fornecem o governo. Com a vasta massa da população, pouco ou nada destas vastas somas de dinheiro consegue passar.

Porque o dinheiro que os bancos centrais injectam no sistema financeiro não é utilizado para investir na economia real subjacente, onde bens e serviços reais são produzidos e empregos são criados, mesmo para pessoas que não são especialistas em informática. Não, o dinheiro é utilizado quase exclusivamente para transacções financeiras, a fim de transformar dinheiro em ainda mais dinheiro. Mas isso é altamente improdutivo na economia real. Além disso, é um desenvolvimento perigoso para a economia como um todo, porque se é menos arriscado e também mais fácil fazer muito mais dinheiro com dinheiro praticamente sem juros num mercado financeiro protegido contra quedas de preços pelo banco central, porque é que alguém mais deveria investir na economia real, por exemplo numa fábrica com todos os seus problemas de pessoal, incertezas comerciais e onde, para piorar a situação, as taxas de juro para empréstimos comerciais são muito mais altas do que as taxas para transacções financeiras.

Este sistema decadente não tem nada em comum mesmo com o capitalismo clássico e a sua economia de mercado, mas o sector financeiro consiste numa economia de clique pura com uma democracia de fachada, governada pelos ricos, pelos ricos para os ricos. Esse é o caminho para a ruína económica. Até o já mencionado jornal de Wall Street "Barron's" se interrogou (5), perguntando recentemente se a primeira descoberta do Dow Jones da marca dos 30.000 "face à incerteza global causada pela pandemia é uma prova da força da economia americana? Ou se isto reflecte meramente o poder da Reserva Federal de manipular activos"? Há uma grande diferença, a de Barron continua, porque "uma versão conta uma história sobre a

resiliência da economia dos EUA. o outro conta uma história sobre o seu desaparecimento".

### Fontes:

1. <https://www.stern.de/politik/deutschland/horst-koehler--die-finanzmaerkte-sind-zu-einem-monster-geworden--3853378.html>
2. <https://www.sueddeutsche.de/geld/bankenkontrolle-die-monster-sind-wild-1.48603>
3. <https://www.wsj.com/articles/fed-adds-82-billion-to-financial-markets-11579016506?mod=e2twcb>
4. <https://northmantrader.com/2020/01/14/repo-lightening/>
5. <https://gsiexchange.com/14-trillion-floods-market-in-global-liquidity-dow-tops-30k/>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Origem da imagem: fotocosmos1/ventilador

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK